

O ESPÍRITO COMUM: COMUNIDADE, MÍDIA E GLOBALISMO, DE RAQUEL PAIVA

Daniel Cordeiro ALVES¹

Universidade Federal do Amapá, UFAP, Macapá-AP

Desde a publicação da segunda edição do livro – O Espírito Comum: Comunidade, Mídia e Globalismo – já se passaram 15 anos, mas Raquel Paiva descreve de forma celebre o cenário da participação dos meios de comunicação nas relações sociais, o que antecipa, de certa forma, o que atualmente observamos como um dos papéis fundamentais dos meios de mídia.

A obra inicia com os prefácios de Muniz Sodré (1ª edição) e Gianni Vattimo (2ª edição), que na sequência do livro são citados também como referências da autora. Após a introdução, Paiva divide o livro em sete capítulos. No princípio a autora dá pistas de sua iniciativa de produção, apontando os passos dados pelo significado de comunidade, o que para ela é uma busca da relação dos indivíduos com o outro, com a formação de uma comunidade bem estruturada e que luta contra as desigualdades sociais e tem força política.

Deste modo, Paiva fala da reformulação da ideia de comunidade da idade média e da aristocracia, voltadas a configuração do grupo familiar. Ela acredita em uma “idade mídia”, onde a comunicação de massa começa a fazer o papel de padronização das pessoas, sendo que a comunicação alternativa poderia ser uma ferramenta contra esse cenário.

No primeiro capítulo – globalização como ordenação social – a autora traz dois conceitos, o universalismo, pensamento voltado ao liberalismo, e o localismo, apresentado por Mike Feathersfone como a necessidade de distanciar a complexidade cultural promovida pelo “mundo da informação”. Para Paiva esses dois impulsos convivem no contexto de globalização, sendo que as mídias aparecem como novo instrumento de expansão territorial da mundialização econômica e cultural.

Nesse contexto, ela fala da reconfiguração do trabalho no mundo globalizado, onde a máxima do consumo desenfreado faz inexistir a consciência da participação no processo de produção. “O trabalho, volatizado pela abstração própria do capitalismo, perde sua possibilidade geradora de pertencimento, para inaugurar-se como mais uma faceta da desterritorialização atual”. P (35)

¹ Universidade Federal do Amapá, Bacharel em Jornalismo.

Paiva sempre faz uma leitura crítica das mudanças e dos antigos envolvimentos comunitários, para que não haja risco de relação com plataformas nacionalistas que beirem a regimes totalitários. Desta forma, a autora destaca o papel essencial da comunicação comunitária, que desconsidera a expansão da informação de grupos hegemônicos e propõem um contexto mais próximo, atento as demandas mais intimas dos grupos sociais.

Tratando o discurso da mídia hegemônica como um “teatro fantasioso”, Paiva mostra a necessidade do discurso real, protagonizado pelos grupos que vivenciam o dia a dia das relações sociais. Nesse sentido, ela fala que é possível que existam comunidades na sociedade atual, mas não aquelas simplesmente fincadas em questões territoriais, mas sim, prontas para interferir no poder público.

Nesse sentido, os veículos comunitários nascem do interesse de determinados grupos de tratarem da sua própria realidade. A comunidade se sustenta no pertencimento e no caráter reivindicatório desses indivíduos. A partir daí surge a importância da constituição desse discurso de grupo, onde se identifica os interesses particulares, incorporando os seus signos e sua linguagem particular.

Já no segundo parágrafo – leituras possíveis de comunidade – Paiva discute a definição de salvação de comunidade. Nesse momento, ela traz conceitos de vários autores nos campos da sociologia, filosofia e psicologia. Para ela é necessário desfazer o pensamento de comunidade como o que veio antes da sociedade, deixando claro sua coexistência dentro do seio da sociedade. A comunicação entra na sua fala como mecanismo de quebra de campos espaciais de pertencimento em comunidade.

“Comunidade como existência” recebe o nome do terceiro capítulo, onde Paiva trata do significado de comunidade na vida dos indivíduos. Um processo de relacionamento, trocas e partilhas. Aqui ela aponta os dogmas cristãos de fraternidade e comunhão como base desse pensamento. Seguindo o livro, no quarto capítulo “comunidade das trocas reais e simbólicas”, traz referências a essa relação provocada pelos encontros e envolvimentos diários que o indivíduo tem com a comunidade e da mesma forma as influências que a comunidade tem nesse.

No capítulo cinco “comunidade idealizada”, observando os conceitos de outros autores, Paiva fala da perspectiva de unidade de comunidade. Citando Freud, a autora fala da arte e da religião como instrumentos de sublimação e regulação social, criados pela sociedade para evitar o isolamento. Falando na perspectiva de valoração da comunidade, ela cita o alemão Friedrich Schleiermacher, que se utiliza dos conceitos de filhos do mundo e filhos do espírito, onde no segundo caso o ideal de perfeição deve ser

alcançado. Embasada nessas leituras de comunidade, a autora argumenta que na atualidade a existência dessa comunidade do amor e partilha de espaço físico seriam inviáveis.

No capítulo seis “Propostas de viabilização comunitária”, Paiva crítica à ausência do Estado das questões sociais, criando uma massa de excluídos, mas considera que daí nasce os movimentos de luta por cidadania, mas também com certo caráter reacionário. Nesse ponto, fala do surgimento de organismos alternativos para suprir a carência do estado, citando três princípios de comunidade e instituição. A primeira é a própria comunidade agindo pelos interesses comuns do grupo. O segundo é uma instituição que traz o viés estrutural comunitário e a terceira é a comunidade lançando mão da instituição para manter laços entre os seus componentes.

No capítulo que encerra a obra “Perspectiva comunicacional”, a autora insere a comunicação no debate de comunidade, falando principalmente do papel dos veículos alternativos que surgem como forma de oposição à vigência da comunicação hegemônica, trazendo um caráter político de grupos sociais e o papel do jornalismo na busca da justiça social.

O destaque final trazido no Espírito Comum de Paiva são os avanços tecnológicos, que, enfim, encerram o espaço territorial. A autora fala das novas relações promovidas nesses novos meios como a internet, e reflete se podem ser considerados como comunitários. Para ela a comunicação pode ser o espaço onde se forma a esfera pública, sendo um modelo de combate às hegemonias do discurso de massa.

A visão de Raquel Paiva de “espírito comum” é um bom referencial no sentido dessas relações da modernidade, onde cada vez mais o valor de comunidade ganha significação para os indivíduos. As questões de identificação e pertencimento são resgatados, fazendo dos sujeitos seres sociais e que precisam do relacionamento para construir seus perfis individuais. A comunicação nessa esfera tem um potencial muito grande a ser explorado, porque a cada dia quebra barreiras e pode ser um portal para o entendimento do valor dos grupos para a construção de uma sociedade mais democrática e com voz ativa.

Referência Bibliográfica

PAIVA, Raquel. O espírito comum – comunidade, mídia e globalismo. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003.

Submissão do artigo: 18/06/2018.

Parecer de aprovação: 13/07/2018.

R

98